

TURISMO RELIGIOSO: A IMPORTÂNCIA COLONIAL DOS TEMPLOS DE PIRENÓPOLIS, GOIÁS**TURISMO RELIGIOSO: LA IMPORTANCIA COLONIAL DE LOS TEMPLOS DE PIRENÓPOLIS, GOIÁS****RELIGIOUS TOURISM: THE COLONIAL SIGNIFICANCE OF THE TEMPLES IN PIRENÓPOLIS, GOIÁS**

Recebido em: 24/09/24

Aceito em: 01/02/2025

Publicado: 31/05/2025

Ailson da Silva Fernandes¹
Universidade Estadual de GoiásPaulo Afonso Tavares²
Universidade Federal de Goiás

Resumo: A principal simbologia da cultura brasileira é o cristianismo, que, nas construções do Brasil colonial, tornou-se um centro social durante a colonização goiana. Em Goiás, esse marco evoluiu para uma matriz propulsora do turismo religioso. Este artigo reflete sobre a importância histórica e cultural de três igrejas coloniais de Pirenópolis: Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora do Bonfim e Nossa Senhora do Carmo, edificadas no século XVIII. O objetivo foi analisar os elementos históricos, econômicos e culturais dessas igrejas, destacando seu papel no contexto urbano e social da época. A metodologia incluiu revisão bibliográfica, análise historiográfica e visitas técnicas. Documentos históricos, relatos de viajantes e estudos arquitetônicos embasaram a pesquisa. Os resultados mostram que essas igrejas representam a ocupação inicial do território goiano, marcada pela febre do ouro e pela estruturação social baseada na religião católica. Conclui-se que, além do valor religioso, as igrejas desempenharam um papel central na formação cultural e econômica de Pirenópolis, contribuindo para o patrimônio histórico nacional. A preservação dessas edificações é essencial para a manutenção da memória e identidade cultural da região, além de atrair cada vez mais visitantes e peregrinos. Recomenda-se também um estudo de valoração do patrimônio imaterial associado a essas construções.

Palavras-chave: Igreja; Catolicismo; Goiás; Peregrinação; Turismo Colonial.

Resumen: La principal simbología de la cultura brasileña es el cristianismo, que, en las construcciones del Brasil colonial, se convirtió en un centro social durante la colonización de Goiás. En Goiás, este hito evolucionó hacia una matriz impulsora del turismo religioso. Este artículo reflexiona sobre la importancia histórica y cultural de tres iglesias coloniales de Pirenópolis: Nuestra Señora del Rosario, Nuestra Señora del Bonfim y Nuestra Señora del Carmen, edificadas en el siglo XVIII. El objetivo fue analizar los elementos históricos, económicos y culturales de estas iglesias, destacando su papel en el contexto urbano y social de la época. La metodología incluyó revisión bibliográfica, análisis historiográfico y visitas técnicas. Documentos históricos, relatos de viajeros y estudios arquitectónicos fundamentaron la investigación. Los resultados muestran que estas iglesias representan la ocupación inicial del territorio goiano, marcada por la fiebre del oro y la estructuración social basada en la religión católica. Se concluye que, además del valor religioso, las iglesias desempeñaron un papel central en la formación cultural y económica de Pirenópolis, contribuyendo al patrimonio histórico nacional. La preservación de estas edificaciones es esencial para el mantenimiento de la memoria e identidad cultural de la región, además de atraer cada vez más visitantes y peregrinos. Se recomienda también un estudio de valoración del patrimonio inmaterial asociado a estas construcciones.

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Território e Expressões Culturais do Cerrado – TECCER da Universidade Estadual de Goiás – UEG. E-mail: profailsonfernandes@gmail.com

² Doutorando em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestre em Ciências da Religião e mestrando em Desenvolvimento e Planejamento Territorial pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC GOIÁS). E-mail: jor.pauloafonso@gmail.com

Palabras-chaves: Iglesia; Catolicismo; Goiás; Peregrinación; Turismo Colonial.

Abstract: The primary symbol of Brazilian culture is Christianity, which, within the constructions of colonial Brazil, became a social center during the colonization of Goiás. In Goiás, this landmark evolved into a driving force for religious tourism. This article reflects on the historical and cultural significance of three colonial churches in Pirenópolis: Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora do Bonfim, and Nossa Senhora do Carmo, all erected in the 18th century. The objective was to analyze the historical, economic, and cultural elements of these churches, highlighting their role within the urban and social context of the time. The methodology included a bibliographic review, historiographical analysis, and technical visits. Historical documents, travelers' accounts, and architectural studies formed the foundation of the research. The findings reveal that these churches represent the initial occupation of the Goiás territory, marked by the gold rush and social structuring based on Catholicism. It is concluded that, beyond their religious value, these churches played a central role in the cultural and economic formation of Pirenópolis, contributing to the national historical heritage. The preservation of these buildings is essential for maintaining the memory and cultural identity of the region, while also attracting an increasing number of visitors and pilgrims. A study on the valuation of the intangible heritage associated with these constructions is also recommended.

Keyword: Church; Catholicism; Goiás; Pilgrimage; Colonial Tourism.

INTRODUÇÃO

O turismo é, sem sombra de dúvidas, um dos motores da economia em Pirenópolis, Goiás, cuja preferência turística cresce a cada ano. Assim, o pequeno município, situado no leste do estado, a 120 km da capital, possui alguns dos mais belos atrativos turísticos, provenientes dos remanescentes do cerrado goiano. Sua importância cultural e histórica supera os pilares ambientais, marcada por casarões, ruas e igrejas que narram a história de Goiás, com uma arquitetura colonial datada da ocupação do território goiano.

Entre o vasto centro histórico da região, destacam-se as igrejas Matriz de Nossa Senhora do Rosário (1728-1732), Igreja Nossa Senhora do Carmo (1750-1754) e Igreja Nosso Senhor do Bonfim (1750-1754), fundadas no século XVIII. Essas igrejas compõem um patrimônio histórico de grande significância regional e internacional, sendo o foco deste estudo. Nesse contexto, ao se falar em arquitetura sacra, a concepção artística é avaliada em função do estilo arquitetônico, sendo essa apreciação um reflexo do momento estilístico em que foi construída. Todavia, a simbologia presente nas igrejas muitas vezes não é contemplada. "O homem tem uma dependência tão grande em relação aos símbolos e sistemas simbólicos a ponto de serem eles decisivos para sua viabilidade como criatura" (Geertz, 1989, p. 73). Portanto, há uma lacuna na interpretação da construção dessas igrejas, que este estudo pretende preencher.

Este estudo justifica-se pela importância do turismo para o município de Pirenópolis, sendo ele a principal fonte de renda local. Ademais, nesta região, há um expressivo número de turistas anualmente, cujo volume impacta diretamente o patrimônio arquitetônico e

paisagístico da cidade. Assim, torna-se urgente conhecer a dinâmica urbana que inclui essas igrejas em especial.

Diante da relevância turística dessas três igrejas coloniais, o presente estudo buscou refletir sobre a importância histórica e cultural que remonta à construção e conservação deste patrimônio sociocultural de Goiás. Com isso, o artigo analisou o aspecto histórico-cultural das igrejas Matriz de Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora do Carmo e Nosso Senhor do Bonfim, a partir de uma perspectiva historiográfica. O objetivo foi demonstrar a importância da conservação e manutenção desses edifícios religiosos como promoção turística, contribuindo para o turismo religioso goiano, considerando os determinantes culturais e turísticos da região estudada como pilares propulsores do desenvolvimento econômico.

REVISÃO DE LITERATURA

Na compreensão plena do conceito de turismo religioso, é necessário de forma primária o entendimento acerca da peregrinação, pois ambos os conceitos estão interligados. Conforme Sanchis (2006), peregrinar faz parte da natureza humana. As religiões antigas já organizavam ritos nos locais de suas divindades, fazendo com que as pessoas se deslocassem até esses locais sagrados. Por isso, esse autor considera a peregrinação como uma forma de romaria.

A Organização Mundial do Turismo (OMT) e a Comissão de Estatística das Nações Unidas (UNSC) conceituam o turismo como uma atividade de pessoas que viajam ou permanecem em lugares fora de seu ambiente habitual por um período inferior a um ano consecutivo, por motivos que incluem lazer ou trabalho (Cooper *et al.*, 2001). Tribe (1997, p. 641) define o turismo como “o conjunto dos fenômenos e das relações que emergem da interação em regiões emissoras e receptoras, de turistas, empresas fornecedoras, órgãos de governo, comunidades e ambientes”.

Cooper *et al.* (2001) classificam o mercado turístico em três segmentos principais, com base no propósito da viagem. O primeiro segmento é "lazer e recreação", que abrange férias, esportes, turismo cultural e visitas a parentes e amigos. O segundo segmento é "profissional e de negócios", que inclui viagens para reuniões e conferências, missões empresariais e viagens de incentivo. O terceiro segmento é "estudos e saúde", além de outros fins.

Smith (1989) conceitua os turistas no segmento de lazer em cinco categorias distintas, com base na disponibilidade de tempo para lazer, renda discricionária e aceitação social

dessas atividades. A primeira categoria é o "turismo étnico", que busca explorar culturas distantes e consideradas "primitivas". A segunda categoria é o "turismo cultural", voltado para locais vistos como pitorescos e antiquados, sem os problemas modernos dos grandes centros urbanos, como congestionamento e poluição. A terceira categoria é o "turismo histórico", focado na valorização de fatos e monumentos do passado, como museus e catedrais, encontrados em cidades como Roma e Paris. A quarta categoria é o "turismo ambiental e ecológico", que se concentra em atrações naturais. Por fim, a quinta categoria é o "turismo recreacional", caracterizado por atividades como sol, mar e praia, além de aventuras, esportes e outras formas de lazer, incluindo o sexo.

Como veremos adiante, o turismo religioso é uma subdivisão do turismo cultural. Para compreendermos o conceito de turismo religioso, precisamos primeiro entender o que é uma peregrinação, pois os dois conceitos estão interligados. Conforme Sanchis (2006), peregrinar faz parte da natureza humana. As religiões antigas já organizavam ritos nos locais de suas divindades, fazendo com que as pessoas se deslocassem até esses locais sagrados. Por isso, esse autor considera a peregrinação como uma forma de romaria. Uma peregrinação se direciona “a um santuário ou a um lugar consagrado pela religião oficial ou pela religiosidade popular. Para os peregrinos, independentemente da configuração material e arquitetônica, identifica o fim da jornada” (Mónico; Machado; Alferes, 2018, p. 205).

Conforme Abumanssur (2018), com o surgimento da classe trabalhadora e a conquista do direito ao lazer ao longo dos anos, as peregrinações ou romarias passaram a ser consideradas como turismo religioso. “Essa conquista veio crescendo desde a segunda metade do século XIX, até que, no final do século XX, acreditava-se que estávamos assistindo ao surgimento de uma sociedade de lazer, com menos trabalho e mais tempo de ócio” (Abumanssur, 2018, p. 94).

Na década de 1970, surgiram dois trabalhos muito importantes para a compreensão e conceituação do turismo religioso: o do norte-americano Dean MacCannell, em 1973, e o do inglês Nelson Graburn, em 1983. MacCannell (1973) acredita que tanto o turista quanto o peregrino buscam algo diferente e mais autêntico. Já Nelson Graburn (1983) concebe o turismo como um ritual com processos paralelos, tanto na peregrinação formalizada quanto no turismo em si. Graburn afirmava que esses rituais poderiam ser decodificados como jornadas sagradas. O objetivo principal do turismo religioso são as motivações religiosas. Segundo Alves (2008), o turismo religioso é um subsegmento do turismo cultural e “as viagens são, em regra, multifuncionais, mesmo quando o fator religioso domina. Como tal, as motivações de

ordem religiosa não o impedem de desenvolver durante a viagem outras atividades de consumo turístico” (Alves, 2008, p. 78).

O Ministério do Turismo, em seu documento "Segmentação do Turismo" de 2021, concebe o turismo cultural como aquele que envolve atividades turísticas relacionadas à vivência de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura (Brasil, 2021). Brizolla (2006) explica que os deslocamentos para fins religiosos, místicos ou esotéricos são considerados subcategorias dentro do turismo cultural. Esses deslocamentos podem constituir outros segmentos específicos, como turismo cívico, turismo religioso, turismo místico e esotérico, e turismo étnico.

Para Rinschede (1992), o turismo religioso está ligado ao turismo cultural e de férias. Segundo ele, nas viagens e peregrinações organizadas, é comum incluir um dia na programação para que os peregrinos possam fazer excursões pela área ao redor da festa, santuário ou local de visitação religiosa.

Steil (2003) destaca que a diferença entre peregrinações ou romarias e o turismo religioso está no grau de imersão e externalidade que cada uma dessas atividades pode proporcionar. Maio (2004) complementa essa visão ao afirmar que as peregrinações e romarias estão imersas no sagrado, enquanto o turismo religioso se caracteriza por uma externalidade do olhar. Já Dias e Silveira (2003) definem o turismo religioso como uma viagem em que a fé é o motivo principal. No entanto, essa viagem também pode incluir motivos culturais, como conhecer outras manifestações religiosas.

Para Lopes e Pereira (2017, p. 49), “os diferentes destinos turísticos não se distinguem somente pelos serviços e estruturas de lazer que proporcionam, mas também pela diferenciação que projetam de uma paisagem turística, como um lugar singular a ser habitado”. Dessa forma, o turismo religioso não só envolve a busca espiritual, mas também a apreciação das características únicas de cada destino, que contribuem para uma experiência enriquecedora tanto do ponto de vista da fé quanto da cultura.

Abumanssur (2018) observa que o aumento do turismo religioso é um fenômeno recente no desenvolvimento do mercado turístico nacional. Até o início dos anos 2000, não existiam agências de viagens especializadas nesse nicho. As poucas agências que ofereciam pacotes religiosos tinham como destino principal a Terra Santa ou Roma. A especialização das agências começou a surgir quando pastores e outros líderes religiosos perceberam que os membros de suas igrejas poderiam se tornar clientes potenciais, oferecendo bom retorno

financeiro tanto para si quanto para as agências. Abumanssur (2018) critica o mercado especializado de pacotes de turismo religioso para destinos nacionais, apontando a carência de investimentos. Ele observa que o turismo religioso interno é frequentemente considerado "turismo de pobre", pois caravanas e romarias são geralmente organizadas de forma espontânea pelos próprios romeiros ou pelas paróquias. De acordo com Abumanssur (2018), muitas das peregrinações e romarias que ocorrem no Brasil não são classificadas como turismo religioso devido ao desinteresse econômico dos operadores do mercado turístico.

O turismo religioso se apresenta como um dos segmentos que mais crescem atualmente no Brasil. De acordo com dados do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) de Santa Catarina, em 2018, antes da pandemia da Covid-19, o Brasil contava com mais de 300 destinos de turismo religioso, quase todos ligados ao Cristianismo, gerando mais de R\$ 20 milhões em receita anual com viagens. Já segundo dados do Ministério do Turismo de 2017, o turismo religioso movimentou R\$ 15 bilhões no Brasil (O Turismo... 2018).

O Ministério do Turismo projetou uma demanda de turismo religioso de cerca de 1,3 milhões de fiéis nos principais pontos de peregrinação no Brasil para 2023. Segundo esses dados, os destinos de turismo religioso incluem cidades como Brejo da Madre de Deus, em Pernambuco, onde o espetáculo Paixão de Cristo de Nova Jerusalém atrai 60 mil pessoas; Juazeiro do Norte, no Ceará, com a visitação à estátua de Padre Cícero, que recebe 2,5 milhões de pessoas por ano; e as cidades mineiras de Ouro Preto, Mariana, São João Del Rei e Tiradentes, que juntas atraem 70 mil visitantes para a observação dos tradicionais tapetes devocionais durante a Semana Santa. Outros destinos notáveis são Planaltina, no Distrito Federal, onde o espetáculo da Paixão de Cristo no Morro da Capelinha atrai 100 mil visitantes, e a Cidade de Goiás, em Goiás, que recebe 20 mil pessoas para a Procissão do Fogaréu (Boletim... 2023).

Mesmo não sendo mencionados nesses dados do Ministério do Turismo, vale ressaltar importantes destinos de turismo religioso, como Aparecida do Norte, em São Paulo, com o Santuário Basílica de Nossa Senhora Aparecida; o Círio de Nazaré, em Belém do Pará; o Santuário do Bom Jesus da Lapa e da Mãe da Soledade, em Bom Jesus da Lapa, na Bahia; e o Santuário Basílica do Divino Pai Eterno, em Trindade, Goiás.

METODOLOGIA

Conforme aponta Gil (2010), a pesquisa científica é um processo racional e sistemático, cuja finalidade reside em gerar respostas para os problemas propostos. Portanto, dentro do escopo deste estudo, apresentamos os procedimentos metodológicos empregados.

Esta pesquisa é qualitativa e baseada em dados secundários documentais. A metodologia adotada envolveu a realização de uma revisão bibliográfica sobre o tema do estudo. Assim, o estudo foi conduzido com a utilização de dados secundários e primários (Trochim, 2006). Nesse sentido, a pesquisa incluiu uma seleção literária, realizada por meio de buscas eletrônicas em portais especializados, como Capes, SciELO e *Web of Science*. A seleção dos artigos foi feita com base em palavras-chave específicas, como “Turismo Religioso”, “Igreja”, “Período Colonial” e o nome do município pesquisado.

Os resultados foram analisados descritivamente, abordando os conceitos históricos e culturais que envolvem as igrejas coloniais pesquisadas em Pirenópolis, Goiás.

TURISMO RELIGIOSO EM GOIÁS

A Agência Estadual de Turismo de Goiás (Goiás Turismo) divide o estado em 12 regiões turísticas, que são: Chapada dos Veadeiros, Chapada das Emas, Estrada de Ferro, Águas Quentes, Lagos do Paranaíba, Negócios e Tradições, Pegadas no Cerrado, Vale da Serra da Mesa, Vale do Araguaia, Terra Ronca (antiga região Águas e Cavernas do Cerrado), Região do Ouro (antiga Ouro e Cristais) e Encantos do Planalto Central (Encantos... 2023). Existem locais de turismo religioso em quase todas essas regiões turísticas de Goiás.

Os principais locais de turismo religioso em Goiás incluem Trindade, com o Santuário Basílica do Divino Pai Eterno; Niquelândia, com a romaria de Nossa Senhora d’Abadia de Muquém; Pirenópolis, com as Cavalhadas e a Festa do Divino Espírito Santo; e a Cidade de Goiás, com a procissão do Fogaréu, entre outras cidades goianas. A coordenadora do Observatório do Turismo em Goiás, Giovanna Tavares, aponta que o estado possui “uma característica bem voltada para a religiosidade. São festas muito comuns em municípios pequenos, médios e grandes da nossa região” (Turismo... 2020).

Nossa pesquisa foca nas igrejas históricas de Pirenópolis, que, como já mencionado, figura entre os principais pontos de turismo religioso em Goiás devido às Cavalhadas e à Festa do Divino Espírito Santo. Pirenópolis faz parte da Região Turística do Ouro, juntamente com outros 18 municípios.

Em 2023, a Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis comemorou 205 anos de história e reuniu 30 mil pessoas (Em... 2023). Além da Festa do Divino Espírito Santo,

Pirenópolis conta com um vasto calendário festivo religioso. Em janeiro, ocorre a Festa de São Sebastião, com leilões, procissões e outros eventos. Em maio/junho, acontece a Festa do Divino Espírito Santo, com cavalhadas, mascarados, procissões, folias, teatro, congada, congo, contra-dança, chá, catira, reinados e pastorinhas. Esta festa é móvel, pois ocorre sempre 50 dias após o Domingo de Páscoa. Em junho/julho, há a Festa do Divino Pai Eterno no Povoado de Lagolândia, a Festa da Capela com a romaria em louvor à Senhora Santana e a Festa do Morro, durante a lua cheia na Serra dos Pireneus. Em setembro, ocorre a Festa de Nosso Senhor do Bonfim, juntamente com a exposição agropecuária e o Canto da Primavera. Em outubro, no dia 7, comemora-se o aniversário da cidade e, no dia 28, ocorre a Festa de São Judas Tadeu (Cerqueira, 2003).

Sobre a Festa do Divino Espírito Santo e as Cavalhadas, Silva (2000) aponta que a primeira teve início em Pirenópolis em 1819, enquanto a última começou em 1826. Ao longo dos anos, as Cavalhadas sofreram várias interrupções por diversos motivos, mas foi somente a partir de 1960 que se estruturaram como um evento recorrente e representativo da Festa do Divino Espírito Santo.

Silva (2000) também explica que o costume de homenagear o Divino Espírito Santo remonta ao período do Brasil Colonial. Essa prática religiosa é encontrada em várias cidades brasileiras, principalmente naquelas relacionadas com a mineração, onde se utilizava a mão de obra indígena e escrava. Segundo Silva (2001), esses festejos ocorriam nessas cidades como uma forma educativa para reafirmar o poder e legitimar posições sociais, pautadas na figura do poder aquisitivo do imperador.

A Festa do Divino Espírito Santo é uma manifestação da religiosidade católica romana, popularizada desde a Idade Média. A celebração ocorre 50 dias após o Domingo de Páscoa e faz alusão à descida do Espírito Santo sobre os apóstolos e Maria reunidos no Cenáculo. Esses festejos foram se difundindo em Goiás à medida que a Igreja Católica ocupava espaços nos arraiais e vilas, principalmente devido às descobertas auríferas no século XVIII (Silva, 2000).

Conforme Silva (2000), em Pirenópolis, a Festa do Divino Espírito Santo reúne várias manifestações em um único evento, como procissões, levantamento de mastros, fogos, novenas, teatros, folias, reinados, juizados, pastorinhas e as Cavalhadas.

HISTÓRIA COLONIAL POR TRÁS DA CONSTRUÇÃO DE PIRENÓPOLIS

Um dos principais símbolos da cultura brasileira é o cristianismo, no qual, historicamente, o catolicismo desempenhou um papel crucial na construção da identidade do ser brasileiro. No vasto território que outrora foi a América portuguesa, de norte a sul e de oeste a leste, foram erguidas diversas igrejas durante o período colonial do Brasil (1500-1822).

No estado de Goiás, essa realidade não foi diferente: com as expedições bandeirantes, a exploração do ouro e a criação da província, a religião católica se consolidou com a construção de igrejas e a formação de um corpo eclesiástico burocrático. "A fé católica era o elemento comum, a força centrípeta que mantinha a coesão social. O templo católico era o centro da vida social, o lugar em que convergiam todos os interesses coletivos" (Arrais, 2019, p. 11) durante a colonização do território goiano.

No ano de 1722, partiu de São Paulo a bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva (o Anhanguera), que, após três anos, em 1725, retornou a São Paulo trazendo, conforme alguns relatos, oito mil oitavas de ouro, ou, segundo outros, trinta e duas oitavas de ouro. A partir desse ano, iniciou-se a colonização efetiva do território goiano com a fundação do Arraial de Sant'Anna, futura Cidade de Goiás (Arrais, 2019, pp. 18-19). Com o passar do tempo, mais expedições bandeirantes chegaram para explorar essas terras a oeste.

Ainda na primeira metade do século XVIII, com a expansão das bandeiras, logo após Anhanguera ter alcançado as terras da futura Vila Boa de Goiás (Arraial de Sant'Anna), foram encontradas jazidas de ouro nas proximidades do Rio das Almas.

Ainda na terceira década do século XVIII, precisamente no início de outubro de 1727, Manuel Rodrigues Tomar — companheiro de Bartolomeu Bueno da Silva, o fundador de Sant'Ana — descobriu ouro às margens do Rio das Almas e estabeleceu no lugar, as Minas de Nossa Senhora do Rosário de Meia Ponte (Jayme, 1971) (D'abadia, 2021, p. 198).

Com a descoberta de ouro sob a Serra dos Pireneus, foi fundado o Arraial de Meia Ponte, onde, em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, foi construída a igreja mais antiga do estado de Goiás. Com a efetiva povoação do território goiano, a religião católica foi se estabelecendo, consolidando seu papel central na vida social e cultural da região.

Além do volume de suas construções, o poder eclesiástico também se fazia notar pelo ordenamento espacial da vizinhança. A formação de Largos à dianteira das igrejas, seu desprendimento diante de outras construções e a relativa independência ao traçado das ruas indicam seu papel estruturante dentro da malha urbana primitiva, de acordo com Boaventura (2001) (Arrais, 2019, p. 21).

Como foi possível verificar na afirmação acima, em um plano urbanístico de uma cidade colonial portuguesa, uma igreja era de fundamental importância, possuindo uma estrutura física e simbólica de poder sobre a sociedade. Nesse sentido, os templos religiosos deviam ser instalados em locais estratégicos, geralmente no centro das vilas e cidades, servindo como ponto de convergência para a comunidade. Essas igrejas não apenas representavam a fé e a religiosidade dos habitantes, mas também simbolizavam a autoridade e a influência da Igreja Católica na organização social e política da época.

Sítios altos e decentes, livres da umidade, e desviando, quando possível, de lugares imundos e sórdidos, de casas particulares e de outras paredes, em distância que possam andar as procissões ao redor deles” (Constituições, 1853, p. 252) (...). Os exemplos mais evidentes desse sistema de edificação religiosa podem ser observados em Pilar, Natividade, Vila Boa, Jaraguá, Santa Cruz, Conceição, Santa Luzia, Bonfime Meia Ponte. No caso desse último arraial, seu sistema de arruamento se organizou tendo como referência as margens do Rio das Almas, local da exploração primitiva do ouro (Arrais, 2019, p. 21-22).

Esse modelo urbanístico, que posiciona a igreja como centro da povoação, pode ser observado em vários arraiais da antiga colônia que viria a ser o estado de Goiás. Além disso, as igrejas de Nossa Senhora do Rosário, Nosso Senhor do Bonfim e Nossa Senhora do Carmo merecem especial destaque para o presente artigo. Situadas em Pirenópolis, essas três igrejas apresentam uma estrutura arquitetônica similar, refletindo a influência do estilo colonial português na região.

Uma análise mais pormenorizada de cada uma dessas construções permite notar as particularidades da Matriz de Nossa Senhora do Rosário e das igrejas do Nosso Senhor do Bonfim e de Nossa Senhora do Carmo, localizadas no arraial de Meia Ponte (atual Pirenópolis). Em todas foram utilizadas uma estrutura autônoma de madeira e uma modulação estrutural como recurso compositivo que define as linhas gerais da organização dos frontispícios (Boaventura, 2022, p. 84).

A IMPORTÂNCIA DAS IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, NOSSO SENHOR DO BONFIM E NOSSA SENHORA DO CARMO EM PIRENÓPOLIS

A Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário foi construída às margens do Rio das Almas, que nasce na Serra dos Pireneus. Esta igreja é conhecida nacionalmente pelas festas do Rosário e de São Benedito, que, segundo estudos, remontam ao início do século XVIII (Lôbo; Curado, 2015, p. 75). Reconhecida como a mais antiga de Goiás, é um importante palco da vida sociocultural de Pirenópolis, atraindo atualmente muitos turistas.

DOI: <https://doi.org/10.62236/missoes.v11i2.385>

ISSN: 2447-0244

Com a fundação do Arraial de Meia Ponte e a exploração do ouro, houve uma migração de negros escravizados para o trabalho nas minas. No entanto, os escravos e muitas pessoas das classes mais humildes não podiam frequentar a Igreja Matriz.

Outro costume era a construção de uma capela para a santa e para os ofícios da igreja. E já em 1732 temos registro dos primeiros batismos na paróquia. A Igreja de Nossa Senhora do Rosário foi construída, mas os escravos não podiam entrar na igreja para assistir as celebrações. Como diziam os brancos da época, “negro não é gente, é coisa, e como não é gente não pode entrar na igreja” (Unes *apud* Teles, 2017, p.15).

Há claros elementos de estratificação social no que diz respeito ao culto católico nos tempos da colônia. Muitos escravos e mestiços compartilhavam da fé católica, mas não podiam participar plenamente dos rituais da missa. Em um período marcado pela escravidão e pela segregação, essas pessoas buscavam oportunidades para exercer sua devoção de maneira tradicional, em frente ao altar. No entanto, devido às restrições impostas, muitos acabavam praticando sua fé em espaços alternativos ou de forma menos formal, refletindo as profundas desigualdades sociais da época.

Os pretos escravos, aos quais se juntaram os pretos forros, mestiços e brancos pobres, foram buscar junto à rainha de Portugal, Dona Maria I, também conhecida como a Rainha Louca, autorização para a formação de sua irmandade e a construção de sua própria igreja, formando assim a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e a Igreja foi edificada entre 1743 e 1757. Foi construída por escravos, durante suas horas de folga e com donativos dos pretos forros, na época em que a mineração era a principal atividade econômica da cidade (Jayme *apud* Teles, 2017, p. 15).

Assim, os negros escravizados e as pessoas mais humildes conseguiram praticar sua fé de modo mais digno, dentro de um templo que eles mesmos construíram. No entanto, na década de 1940, essa igreja foi destruída para que seus tijolos fossem utilizados na construção da Casa Mariana, dedicada aos devotos marianos e a outras ordens religiosas que se estabeleceram no local, conforme autorizado pelo então arcebispo de Goiás, Dom Emmanuel Gomes de Oliveira. O altar foi preservado e guardado na Igreja do Bonfim (Teles, 2017, p. 21), templo católico representado na Imagem 1.

IMAGEM 1 - IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS PRETOS (PRÉDIO EM DESTAQUE AO FUNDO COM UMA TORRE).



Fonte: Agita Pirenópolis, 2021

Outro fato histórico marcante referente à Igreja Nossa Senhora do Rosário (Imagem 1) ocorreu na madrugada de 5 de setembro de 2002, quando um incêndio de grandes proporções praticamente consumiu a centenária matriz, gerando comoção nacional (Oliveira, 2008, p. 18).

IMAGEM 2 - INCÊNDIO NA IGREJA MATRIZ DE PIRENÓPOLIS.



Fonte: Silvio e Neusa Cavalcante, 2019.

DOI: <https://doi.org/10.62236/missoes.v11i2.385>

ISSN: 2447-0244

Após o incêndio, devido ao clamor popular, a igreja foi reconstruída, e, em 2006, o trabalho foi concluído e a Matriz foi reinaugurada (Teles, 2017, p. 12). No entanto, com o incêndio, o altar original foi destruído, e para a reconstrução, utilizou-se o altar da Igreja dos Pretos. "Até que, por força de intervenções desastrosas, a igreja dos pretos veio a ruir. Seu altar foi preservado e ficou guardado por mais de sessenta anos..." (Unes *apud* Teles, 2017, p. 39). Assim, o altar da Igreja dos Pretos ganhou um lugar de prestígio na nova igreja.

A segunda das igrejas em análise, a Igreja Nosso Senhor do Bonfim, também pertence à antiga Meia Ponte, atual Pirenópolis. Construída na primeira metade do século XVIII, é considerada uma das mais antigas de Goiás, com sua construção datada de 1754 (Boaventura, 2022, p. 82). Sua importância também reside no fato de ter sido o templo onde foi guardado o altar-mor da Igreja dos Pretos, desestruturada na década de 1940.

Assim como a Igreja Matriz de Pirenópolis, a Igreja Nosso Senhor do Bonfim segue o modelo geral das construções coloniais do Império Ultramarino Português em Goiás (ou talvez em todo o Brasil). No entanto, há uma teoria de que a estrutura física do templo depende da região onde foi construída.

No que se refere à arquitetura, a opinião de estudiosos é "a falta de uma preocupação maior com a estética", o que configura uma "simplicidade exagerada" das construções coloniais (Coelho, 2007, p. 17). Para Vaz de Oliveira (2010), o termo mais adequado para referir-se às construções da época é "arquitetura vernacular", por indicar um modelo próprio da região, produzido a partir de soluções e adaptações ao meio. Essa adaptação levava em consideração a função que deveria ser exercida pelas edificações, as técnicas construtivas (cantaria, taipa de pilão, pau a pique, enxaimel) e os materiais disponíveis (Arrais, 2019, p. 22).

No entanto, no que tange às Igrejas do Rosário e do Bonfim, há uma especial diferenciação em relação a outros templos católicos de Goiás. Essas igrejas possuem características únicas em sua arquitetura e história, refletindo a riqueza cultural e a importância social que tiveram na formação da comunidade local. A Igreja do Rosário, com sua reconstrução após o incêndio e a incorporação do altar da Igreja dos Pretos, e a Igreja do Bonfim, com a preservação do altar-mor da mesma Igreja dos Pretos, destacam-se não apenas como centros de fé, mas também como marcos históricos que simbolizam a resiliência e a continuidade das tradições religiosas em Pirenópolis.

As duas primeiras igrejas construídas em Meia Ponte - Nossa Senhora do Rosário e Nosso Senhor do Bomfim - diferenciam-se pela presença das torres, solução pouco explorada na região, sendo substituídas, na grande maioria dos casos, pelas torres

sineiras de madeira, fixadas ao lado dos edifícios. Ressalta-se também as proporções diferenciadas das torres da Igreja Nosso Senhor do Bonfim, em razão de serem mais altas que as das demais congêneres, contrariando um traço marcante da arquitetura religiosa local, de feições mais robustas (...) (Boaventura, 2022, p. 86).

As construções de ambas as igrejas são bastante originais para a região do cerrado goiano, tendo sido erguidas durante a exploração aurífera nas margens do Rio das Almas. Pode-se dizer que sua originalidade reside precisamente na localização em Meia Ponte, ou como uma adaptação "simplista" do estilo português pelo Império na região. No entanto, é perceptível a riqueza simbólica e estética desses edifícios.

A Igreja Nosso Senhor do Bonfim é considerada um marco do barroco goiano (Meira, 2016, p. 38). Contudo, sua origem foi como uma construção privada.

Localizada no bairro que leva seu nome, a Igreja do Nosso Senhor do Bonfim, surge como uma igreja privada, construída por escravos no século XVIII, nas terras do sargento-mor Antônio José de Campos. O edifício apresenta algumas particularidades que são utilizadas pela população durante as festas da cidade, um exemplo é o altar-mor, que tem a possibilidade de abertura frontal e também apresenta uma passagem posterior por onde pode haver circulação, permitindo o acesso dos fiéis à imagem do Senhor do Bonfim durante as celebrações em datas comemorativas, sendo essa característica própria das igrejas de peregrinação. A Imagem do Senhor do Bonfim, segundo Jarbas & Jayme (2002, p. 56), foi trazida por 260 escravos em procissão, proveniente da cidade de Salvador, Bahia (Meira, 2016, p. 46).

Enquanto a Igreja Matriz, a mais antiga do estado, é um marco da fundação do Arraial de Meia Ponte, a Igreja do Bonfim pode ser interpretada como um símbolo do povoamento posterior à instalação das minas nas margens da Serra dos Pireneus. Um militar, com seus próprios recursos, financiou a construção da igreja em suas terras, utilizando um contingente de mão de obra escrava que veio em procissão de Salvador, na Bahia. Nesse sentido, em comparação com a Igreja dos Pretos — uma ramificação da Igreja Matriz —, não havia permissão de acesso aos escravos.

IMAGEM 3 - IGREJA NOSSO SENHOR DO BONFIM.



Fonte: Agita Pirenópolis, 2021.

Na cidade de Pirenópolis, um dos maiores patrimônios culturais do estado de Goiás, as igrejas ocupam um lugar de destaque, como foi demonstrado ao longo deste texto. Sua riqueza arquitetônica setecentista e sua proeminência no ambiente urbano representam tanto um caráter econômico (a exploração aurífera) quanto religioso (o culto católico e as festas populares).

A cidade de Pirenópolis, tombada como conjunto arquitetônico, urbanístico, paisagístico e histórico pelo IPHAN-Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 1989, conta com um Centro Histórico ornado com casarões e igrejas do século XVIII, como a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário (1728-1732), a Igreja de Nossa Senhora do Carmo (1750-1754) e a Igreja de Nosso Senhor do Bonfim (1750-1754) (...) (Silva, 2014, p. 103-104).

Como foi definido no início deste texto, as três igrejas — Nossa Senhora do Rosário, Nosso Senhor do Bonfim e Nossa Senhora do Carmo — são os objetos de análise, onde podem ser observados elementos históricos, econômicos e culturais que caracterizam a cidade de Pirenópolis, antigo Arraial de Meia Ponte. O tombamento da cidade pelo IPHAN ressalta a importância dessas três construções para o patrimônio nacional.

A terceira igreja em destaque é a de Nossa Senhora do Carmo, que, como mencionado anteriormente, foi fundada entre os anos de 1750 e 1754. Sua fundação e construção, assim como a da Igreja do Bonfim, têm origem privada.

Na antiga Meia Ponte a ocupação aconteceu junto à ponte que ligava o núcleo (margem esquerda) à propriedade de Antônio Rodrigues Frota (margem direita), um

DOI: <https://doi.org/10.62236/missoes.v11i2.385>

ISSN: 2447-0244

rico minerador sobre o qual existem várias lendas (Jayme, 1973). As terras do Frota eram povoadas apenas pela família, que abastada construiu a Igreja de Nossa Senhora do Carmo para as obrigações e devoções familiares, uma vez que eles pouco atravessavam o rio para o convívio com os demais habitantes (D'abadia; Curado, p. 3).

O senhor Frota construiu a Igreja do Carmo para o culto particular de sua família, que teve um papel significativo na efetivação da ocupação das margens do Rio das Almas, impulsionada pela febre do ouro.

Essas três igrejas representaram a ocupação da região na primeira metade do século XVIII. No entanto, a partir de 1755, a produção aurífera sofreu uma grande diminuição devido ao esgotamento progressivo das jazidas de ouro na capitania de Goiás. Isso, conseqüentemente, levou ao isolamento da sociedade goiana e à estagnação de muitos centros urbanos (Salles *apud* D'Abadia; Curado, p. 4). A decadência da economia de Meia Ponte foi descrita por viajantes que passaram pela capitania.

A sua maior parte ocupa uma colina em cujo sopé fica, numa praça aberta e quadrada, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário [...] Todas as ruas são retas e têm até passeio de xisto quartzífero. Das três ruas principais, uma é calçada. As casas são térreas, construídas de madeira e barro, caiadas e cobertas de telhas. Não se encontram aqui vidraças nas janelas, que, mesmo na igreja, são substituídas por pano de linho esticado. A cadeia é o único edifício assobradado (Pohl *apud* D'abadia; Curado: p. 4).

A descrição de Pohl retrata a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e seus entornos, com várias casas abandonadas, evidenciando a falta de cuidado com suas estruturas. Essas edificações foram deixadas por pessoas que, nas primeiras décadas de colonização, se estabeleceram na região devido à efervescência do ouro. Com o esgotamento do ouro, a economia precisou estabelecer novas estratégias para manter o povoamento.

IMAGEM 4 - IGREJA E MUSEU NOSSA SENHORA DO CARMO.



Fonte: Agita Pirenópolis, 2021.

Observa-se na Igreja e Museu de Nossa Senhora do Carmo várias melhorias desde 1998, com o objetivo de adaptá-la para a guarda e exibição do acervo sacro, do folclore e das manifestações religiosas em geral. Dessa forma, o museu se tornou um espaço cultural da cidade que reafirma e amplia a intenção de manter viva a memória e a cultura da região.

Enfim, as três igrejas agregam valor cultural e histórico para a cidade de Pirenópolis e para o estado de Goiás, por meio de seu simbolismo religioso e suas características do período colonial, revelando elementos da sociedade da época. Cada uma, com suas particularidades patrimoniais, demonstra a riqueza da arte goiana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hipótese deste estudo era que as igrejas coloniais de Pirenópolis, especificamente a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, a Igreja de Nosso Senhor do Bonfim e a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, desempenharam um papel crucial na formação histórica e cultural da região, além de serem símbolos significativos do período colonial em Goiás. As principais descobertas confirmam essa hipótese, mostrando que essas igrejas não apenas serviram como centros de fé e devoção, mas também como marcos fundamentais na organização social, econômica e urbana de Pirenópolis, além de promoverem o turismo religioso.

Primeiramente, as análises historiográficas e arquitetônicas revelaram que essas igrejas foram construídas durante a efervescência da exploração aurífera no século XVIII,

DOI: <https://doi.org/10.62236/missoes.v11i2.385>

ISSN: 2447-0244

evidenciando a importância do ouro na formação inicial da região. A Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, a mais antiga do estado, destacou-se como um marco da fundação do Arraial de Meia Ponte, enquanto a Igreja do Bonfim simbolizou o povoamento subsequente das margens da Serra dos Pireneus. A Igreja de Nossa Senhora do Carmo, por sua vez, exemplificou a prática de construções privadas para culto familiar, refletindo a estrutura social e econômica da época.

Além disso, a pesquisa identificou uma estratificação social evidente no culto católico colonial, onde escravos e mestiços eram excluídos dos rituais religiosos oficiais, levando-os a criar seus próprios espaços de culto, como a Igreja dos Pretos. Esse aspecto enfatiza a complexidade social da época e a adaptação das práticas religiosas às condições locais.

Esta pesquisa contribui para a literatura existente ao fornecer uma análise detalhada das igrejas coloniais de Pirenópolis, destacando sua importância não apenas como patrimônios arquitetônicos, mas também como testemunhos vivos da história social e cultural de Goiás. A pesquisa reafirma a necessidade de preservação dessas estruturas, não apenas pelo seu valor estético e histórico, mas também como elementos fundamentais para a compreensão da formação e desenvolvimento da sociedade goiana.

Ao iluminar esses aspectos, este artigo contribui para um entendimento mais profundo do turismo religioso em Goiás e sua relação intrínseca com a história e a cultura locais, promovendo a valorização e a conservação desse patrimônio para as futuras gerações.

Para futuros estudos, recomenda-se uma valoração do patrimônio imaterial contemplado nessas edificações religiosas ao longo do município de Pirenópolis, como um instrumento de quantificação monetária da existência dessas edificações e sua dinâmica territorial.

REFERÊNCIAS

ABUMANSUR, E. S. Turismo religioso e identidade nacional. Horizonte. **Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 16, n. 49, p. 88-106, 2018. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2018v16n49p88-106>. Acesso em: 02 abr. 2025.

ALVES, M. L. B. Peregrinos e turistas: diferentes modos de ser e viver o mundo. **Estudos de Sociologia**, v. 1, n. 14, p. 75-93, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235355>. Acesso em: 02 abr. 2025.

ARREIS, C. A. **O século XVIII em Goiás: A construção da Colônia**. Goiânia: Câne Editorial, 2019.

DOI: <https://doi.org/10.62236/missoes.v11i2.385>

ISSN: 2447-0244

BOAVENTURA, D. M. R. **Capelas e matrizes do Goiás colonial: diálogo arquitetônico com a Metrópole e as Capitânicas vizinhas.** Revista Barroco Digital, n. 2, 2022.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Segmentação do Turismo: Marcos Conceituais.** Brasília: Ministério do Turismo, 2021.

BRIZOLLA, T. (Org.). **Segmentação do Turismo: marcos conceituais.** Brasília: Ministério do Turismo, 2006. Disponível em:
http://antigo.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Marcos_Conceituais.pdf. Acesso em: 02 abr. 2025.

CERQUEIRA, M. J. **Valoração Econômica do Ecoturismo: Estudo de Caso - A Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis – GO.** 2003. Monografia (Especialização) – Universidade de Brasília. Disponível em:
https://bdm.unb.br/bitstream/10483/415/1/2003_MarlonJoseCerqueira.pdf. Acesso em: 02 abr. 2025.

COELHO, L. J.; CAMPOS, L. M. L. Diversidade sexual e ensino de ciências: buscando sentidos. **Ciência & Educação** (Bauru), v. 21, n. 4, p. 893-910, 2015.

COOPER, C. *et al.* **Turismo: princípios e práticas.** 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

DIAS, R.; SILVEIRA, E. J. S. (Orgs.). **Turismo religioso: ensaios e reflexões.** Campinas: Editora Alínea, 2003.

D'ABADIA, M. I. V. Pirenópolis/GO: De antigas Minas de Nossa Senhora do Rosário a circuito de turismo nacional. **Dimensões - Revista de História da UFES**, n. 46, p. 196-216, 2021.

D'ABADIA, M. I. V.; CURADO, J. G. **Manifestação religiosa em Pirenópolis: a Folia do Divino Espírito Santo pelas ruas da cidade,** s.d.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GRABURN, N. The anthropology of tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 10, p. 9-23, 1983.

LOPES, J. R.; PEREIRA, Â. M. Patrimônio cultural, turismo e desenvolvimento local: Estudo de caso da Cidade Velha, ilha de Santiago, Cabo Verde. **Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia**, v. 1, n. 2, p. 45-60, 2017.

MACCANNELL, D. Staged authenticity: arrangements of social space in tourist settings. **American Journal of Sociology**, v. 79, n. 3, p. 589-603, 1973.

MAIO, C. A. Turismo religioso e desenvolvimento local. **Publ. Ci. Hum., Ci. Soc. Apl., Ling., Letras e Artes**, v. 12, n. 1, p. 53-58, 2004. Disponível em:

DOI: <https://doi.org/10.62236/missoes.v11i2.385>

ISSN: 2447-0244

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/humanas/article/view/503/505>. Acesso em: 02 abr. 2025.

MÓNICO, L. S. M.; MACHADO, J. B.; ALFERES, V. R. Peregrinações ao Santuário de Fátima: Considerações em torno da dimensão ritualística da religiosidade. **Horizonte. Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 16, n. 49, p. 194-222, 2018.

RINSCHÉDE, G. Forms of Religious Tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 19, p. 51-67, 1992.

SANCHIS, P. Peregrinação e romaria: um lugar para o turismo religioso. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, v. 8, n. 8, p. 85-97, 2006. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/csr/article/view/13240>. Acesso em: 02 abr. 2025.

SMITH, V. L. Introduction. In: SMITH, V. L. (Ed.). **Hosts and Guests: The Anthropology of Tourism**. 2. ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1989. p. 1-17.

STEIL, C. A. Romeiros e turistas no Santuário de Bom Jesus da Lapa. **Horizontes Antropológicos**, v. 9, n. 20, p. 249-261, 2003.

TRIBE, J. The indiscipline of tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 24, n. 3, p. 638-657, 1997.